

**DENOMINAÇÕES PARA ARCO-ÍRIS EM SERGIPE:  
UMA ANÁLISE DIATÓPICA**

*Isabel Silva Silveira* (UESB/UFBA)

[isabelssilveira@yahoo.com.br](mailto:isabelssilveira@yahoo.com.br)

*Luiz Eduardo Simões de Burgos* (UESB/UFBA)

[eduardoburgos@bol.com.br](mailto:eduardoburgos@bol.com.br)

**RESUMO**

Neste artigo, pretendemos fazer um estudo para identificação das variantes de *arco-íris* que fazem parte do repertório linguístico dos falantes de Sergipe, à luz da dialetologia, através de seu método específico, a geolinguística. Trata-se de um estudo relevante, pois fornece uma amostra da diversidade linguística no campo semântico-lexical no estado de Sergipe; promove o reconhecimento das variantes populares produtivas entre os falantes e evidencia a importância dos atlas linguísticos para identificação de áreas dialetais do português popular do Brasil. Utilizando o *corpus* do *Atlas Linguístico de Sergipe*, este trabalho enfocará o campo temático *terra*, do qual selecionamos o termo *arco-íris* para fazermos uma análise semântico-lexical na perspectiva da distribuição diatópica. Trata-se da carta 03 que registra as variantes fonéticas de arco-íris e da carta 04 que traz outras designações para arco-íris. Para fundamentar a nossa pesquisa, tomamos como referência Cardoso (2005; 2010; 2012); Castilho (2001); Leite & Callou (2004); Cascudo (1954), dentre outros. O estudo realizado permitiu conhecer as seguintes denominações para arco-íris: *arco*, *arco-íris*, *arco-celeste*, *arco-da-velha*, *arco-de-velho*, *arco-inselente*, *arco-de-boi*, *olho-de-boi*. Observou-se também que o termo *arco-íris* é o mais produtivo, presente em treze dos quinze pontos de rede do estado. As formas menos produtivas são *arco-do-celeste*, *arco* e *olho-de-boi*.

**Palavras-chave:** Geolinguística. Variantes populares. Distribuição diatópica.

**1. Introdução**

A variação é um fenômeno inerente a todas as línguas e tem sido objeto de estudo de duas importantes disciplinas da linguística: a dialetologia, que tem como seu método específico a geografia linguística ou geolinguística, e a sociolinguística. Ambas estão ocupadas em relacionar os

fatores socioculturais com a diversidade linguística, assim, “a dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. (CARDOSO, 2010)

Como destaca Castilho (2001, p. 137), enquanto os dialetólogos selecionam uma área geográfica para estudo, preparam e aplicam instrumentos próprios para o levantamento dos dados, anotam em cartas e constroem atlas linguísticos, os sociolinguistas preferem um estudo mais verticalizado de uma só comunidade, concentrada em pequena extensão territorial, induzindo, por métodos apropriados, o falante a mudar de registro ou grau de formalidade, separando-os segundo o sexo, idade, o nível sociocultural.

A diversidade linguística do Brasil é um fenômeno que pode ser observado até mesmo pelos próprios falantes que conseguem identificar pelo “jeito de falar” a origem de outra pessoa. E são esses falares que interessam aos linguistas que se ocupam em mostrar que essas diferenças não são apenas geográficas como esclarecem Leite & Callou (2004, p. 17)

Em suma, seria importante confirmar ou infirmar a tese de que as divisões dialetais do Brasil são menos geográficas que socioculturais e de que as diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto do que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural, originários de regiões distantes uma da outra. (LEITE & CALLOU 2004, p. 17)

No Brasil, os estudos dialetais foram oficialmente iniciados há mais de cento e oitenta anos, quando Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, escreveu um texto para o *Atlas Etnográfico do Globo* de Aldrien Balbi, comparando, no âmbito do léxico, o português do Brasil e o português de Portugal (CASTILHO, 2001, p. 237).

A partir de então, o tema tornou-se recorrente entre linguistas, e muitos trabalhos foram desenvolvidos para uma melhor descrição e compreensão da diversidade da língua falada no Brasil. Dentre os estudos feitos com o objetivo de traçar áreas dialetais brasileiras, segundo Leite e Callou (2004, p. 18), pode-se destacar o de Antenor Nascentes, pois diferentemente dos demais, levou em consideração não somente critérios geográficos, históricos e socioculturais, como também os traços linguísticos diferenciadores, como a cadência prosódica. Assim, dividiu os falares brasileiros em seis subfalares: o amazônico, o nordestino, o baiano, o

fluminense, o mineiro e o sulista. Vale ressaltar que essa classificação dos falares dialetais feitos por Nascentes ainda é considerada pelos estudos atuais da dialetologia.

A partir de 1960, surgem os primeiros atlas linguísticos do Brasil com o objetivo de mostrar as áreas dialetais do Brasil, como veremos na seção subsequente que tratará especificamente desse tema.

Desta forma, considerando essa diversidade linguística, pretendemos, neste artigo, analisar como os falantes de Sergipe denominam o *arco-íris*, levando-se em conta a distribuição diatópica.

Utilizando o *corpus* do *Atlas Linguístico de Sergipe*, este trabalho enfocará o campo temático *terra*, do qual selecionamos o termo *arco-íris* para fazermos uma análise semântico-lexical na perspectiva da distribuição diatópica. Trata-se da carta 03 – *arco-íris* (ver anexo) e da carta 04 – *outras designações para arco-íris* (ver anexo).

No que se refere ao aspecto metodológico, para a realização da pesquisa, seguimos os seguintes caminhos: a) levantamento das designações do termo *arco-íris* nas cartas 03 e 04 do *Atlas Linguístico de Sergipe*; b) consulta aos dicionários c) análise das variantes.

## **2. Os atlas linguísticos no Brasil**

Em 1960, os primeiros atlas linguísticos foram produzidos no Brasil, como o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, o *Atlas Linguístico de Sergipe*, o *Esboço de um Atlas de Minas Gerais*, o *Atlas Linguístico da Paraíba*, o *Atlas Linguístico do Paraná*. E com o objetivo de fazer o retrato da diversidade linguística do Brasil e estabelecer os limites dessas áreas dialetais, está em elaboração o *Atlas Linguístico do Brasil*, um projeto grandioso que está pesquisando com base em dados orais coletados *in loco* o léxico da nossa língua numa perspectiva dialetal. Cardoso (2010, p. 170) destaca quatro objetivos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil:

- (i) A descrição da realidade espacial e, conseqüentemente, a busca de definição de áreas dialetais demarcáveis através de isoglossas;
- (ii) O fornecimento de dados que possam contribuir para o aprimoramento do ensino de língua materna;
- (iii) A indicação de caminhos que explicitem a interface entre os estudos geolinguísticos e os demais ramos do conhecimento, sobretudo trazendo ele-

mentos da língua que possam aclarar questões de outra ordem do saber cientificamente organizado;

- (iv) Por fim, mas não em último lugar, o reconhecimento, ou melhor, a apresentação de português brasileiro como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

O *Atlas Linguístico de Sergipe* compõe-se de dois volumes: *O Atlas Linguístico de Sergipe*, 1987 e o *Atlas Linguístico de Sergipe II*, 2002. Veremos a seguir os aspectos metodológicos comuns aos dois atlas:

A rede de pontos selecionada obedeceu ao mesmo princípio adotado pelo *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Depois de estudar sistemática e detalhadamente os municípios que compõem o estado, levando-se em conta antiguidade do local, formações históricas, características culturais, grau de isolamento referencias de ordem linguística, definiu-se 15 localidades assim apresentadas dentro de sua microrregião: Litoral Sul Sergipano: 51 Santa Luzia, 53 Estância, 55 São Cristóvão, 56 Itaporanga d'Ajuda; Sertão de Rio Real: 52 Tomar do Geru; Agreste de Lagarto: 54 Pedrinhas, 58 Simão Dias, 57 Laranjeiras, 59 Divina Pastora; Nossa Senhora das Dores Propriá: 60 Ribeirópolis, 61 Brejo grande, 62 Propriá; Sertão Sergipano de São Francisco: 63 Nossa Senhora da Glória, 64 Gararu, 65 Curralinho. (CARDOSO, 2012, p. 112)

Os questionários utilizados têm por base o questionário do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e refletem dois enfoques. Inicialmente foi aplicado um questionário com cerca de 3.700 perguntas de quatro grandes áreas: *Terra, vegetais, homem e animais*. Num segundo momento, analisados os resultados da aplicação, foram selecionados itens relevantes e com eles foi elaborado um questionário mais reduzido que deveria ser aplicado no momento da recolha definitiva dos dados.

A escolha dos informantes seguiu o critério definido pela tradição geolinguística: pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade, com pouco ou nenhum hábito de deslocamento, filhos e moradores da região pesquisada, preferencialmente de mais idade, com aparelho fonador sem defeitos visíveis e filhos de pais da mesma localidade.

A faixa etária respeitou a seguinte organização: faixa etária I: dos 30 aos 39 anos – 11 informantes; faixa etária II: dos 40 aos 48 anos – 13 informantes; faixa etária III: a partir dos 50 anos – 6 informantes.

Os inquiridores são pesquisadores do Grupo de Dialectologia da UFBA que participaram de todas as fases do projeto por isso tinham conhecimento profundo do questionário a aplicar-se.

Um dado significativo é a introdução da variável social gênero, pois se inquiriram em cada ponto de rede sistematicamente uma mulher e um homem, indicados nos cartogramas pelas letras A e B, respectivamente. Desta forma, o *Atlas Linguístico de Sergipe* é considerado pluri-dimensional, pela inserção de variável social.

As cartas linguísticas trazem informações semântico-lexicais e fonético-fonológicas, com notas que reproduzem a fala dos informantes, comentários dos documentadores. Os mapas mostram informações acerca da distribuição geográfica dos pontos, à rede de ferrovias e rodovias e à bacia hidrográfica:

O conjunto de cartas: (i) apresenta a distribuição diatópica, analisando presença/ausência dos fatos considerados; (ii) indica para cada resposta cartográfica o gênero do informante, o que faz com a utilização de símbolos – círculo para as mulheres, quadrado para os homens – e pela definição da posição dos sinais utilizados em relação ao ponto considerado – mulheres à esquerda, homens à direita; e (iii) permite a visão quantitativa imediata da relação dado registrado/gênero do informante, que é fornecida pelos gráficos de controle percentual. (CARDOSO, 2005)

Como se pode ver, os atlas linguísticos têm uma grande contribuição a dar aos estudos da variação e diversidade linguística do Brasil, pois a partir deles é possível fazer uma descrição do português brasileiro com possibilidades de reconhecimento da realidade espacial do domínio do português. Além disso, os atlas possibilitam o entendimento da variação linguística como fenômeno peculiar a qualquer língua de forma a eliminar preconceitos e discriminação social advindas da falsa interpretação da realidade linguística do Brasil.

### **3. O arco-íris nas cartas linguísticas e nos dicionários**

O primeiro momento da análise das denominações de *arco-íris* foi feito a partir da leitura das cartas 03 e 04 do *Atlas Linguístico de Sergipe*, conforme descrito a seguir:

A carta 03 do *Atlas Linguístico de Sergipe* registra as variantes fonéticas de *arco-íris* e foram identificadas 14 formas diferentes de realização da variante, presentes em 13 pontos de rede do estado. Vale ressal-

tar que o termo *arco*, que aparece como variante de arco-íris, foi identificado apenas uma vez, no ponto 58, na localidade de Simão Dias.

A carta 04 do *Atlas Linguístico de Sergipe* mostra as outras designações de arco-íris. Os itens lexicais encontrados foram: *arco-celeste*, *arco-do-celeste*, *arco-inselente*, *arco-de-boi*, *arco-da-velha*, *olho-de-boi*, *arco-de-velho*. Para o termo *arco-celeste* encontramos três variantes fonéticas, para *arco-da-velha* duas e para *arco-de-velho*, cinco realizações fonéticas diferentes.

O segundo momento da análise foi uma consulta aos dicionários para identificação das formas dicionarizadas e não dicionarizadas.

Com o objetivo de identificar as formas dicionarizadas, consultamos quatro dicionários da língua portuguesa: *Dicionário da Língua Portuguesa* (MORAES SILVA, 1949); *Novo Dicionário Aurélio* (FERREIRA, 1986); *Dicionário da Língua Portuguesa* (CALDAS AULETE, 1974); *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2009).

Reconhecida nos dicionários consultados como variante padrão para nomear o “arco colorido que aparece no céu em dias de chuva”, o *arco-íris* é designado como “fenômeno resultante da dispersão de luz solar em gotículas de água suspensa na atmosfera” em Ferreira (1986); “Meteoro luminoso em forma de arco”, em Caldas Aulete (1974); “Arco luminoso que se origina em fenômenos físicos e meteorológicos”, em Houaiss (2009); em Moraes Silva (1949) é “o mesmo que arco-celeste”. O autor, em seguida, faz distinção entre arco-íris primário e arco-íris secundário.

Nos quatro dicionários, o *arco-íris* tem o seu significado relacionado com o fenômeno meteorológico. A forma *arco-íris* é a que serve de referência para explicar outras designações para o termo. Assim, ao buscar o significado desses termos é comum encontrar a expressão “ver arco-íris”. Como se pode observar no quadro abaixo:

Quadro 1- Denominações dicionarizadas de arco-íris

Variantes	Moraes e Silva (1949)	Houaiss (2009)	Ferreira (1986)	Caldas Aulete (1974)
<b>Arco-íris</b>	O mesmo que arco-celeste: Num arco-íris primário o vermelho está sempre do lado de fora e o violeta do lado de	Arco luminoso que se origina em fenômenos físicos e meteorológicos e é produzido quando a luz solar é refratada, dis-	Fenômeno resultante da dispersão de luz solar em gotículas de água suspensas na	Meteoro luminoso em forma de arco, que apresenta as sete cores do prisma ou do espectro solar pela sua ordem natu-

	dentro; num secundário esta ordem é inversa. Sin.: arco-de-deus, arco-da-velha, arco-da-chuva, arco-celeste.	persa e internamente refletida por gotículas de água provenientes da chuva e suspensas na atmosfera	atmosfera...	ral. Arco-celeste, arco-da-aliança, arco-da-chuva, arco-da-velha, arco-de-Deus
<b>Arco-da-velha</b>	O mesmo que arco-íris: Diz-se das coisas ou factos espantosos ou inverossímeis;	O mesmo que arco-íris. Que pertence ao campo do espantoso, do inacreditável, do inverossímil.	V. arco-íris	O mesmo que arco-íris. Coisas do arco-da-velha, coisas inverossímeis, acontecimentos extraordinários ou prodigiosos; monstruosos.
<b>Arco-celeste</b>	O mesmo que arco-íris	O mesmo que arco-íris	v. arco-íris	O mesmo que arco-íris.
<b>Arco-de-boi</b>	ND	ND	ND	ND
<b>Olho-de-boi</b>	ND	ND	Bras. BA: Arco-íris incompleto	ND
<b>Arco-inseleto</b>	ND	ND	ND	ND
<b>Arco</b>	ND	ND	ND	ND

Das variantes encontradas nos dicionários, algumas não foram identificadas no *Atlas Linguístico de Sergipe*, a exemplo de *arco-da-aliança*, *arco-de-chuva*, *arco-de-deus*. Da mesma forma, algumas das variantes encontradas no *Atlas Linguístico de Sergipe* não estão dicionarizadas, como *arco-inseleto*, *arco-de-boi*, *arco-de-velho*, *arco-do-celeste*. O termo *olho-de-boi* foi identificado como variante regional da Bahia para designar *arco-íris* incompleto em Ferreira (1986). Em relação à variante *arco-da-velha*, com exceção de Ferreira (1986), os demais dicionários mostram o sentido conotativo do termo utilizado para referir-se a coisas extraordinárias.

#### 4. Distribuição diatópica das variantes

O arco colorido que aparece no céu em dias em que o sol reflete a sua luz sobre a chuva é conhecido pela maioria como *arco-íris*. Trata-se de um fenômeno óptico e meteorológico que sempre esteve presente de forma emblemática na imaginação dos homens e em torno dele muitas

lendas surgiram ao longo do tempo. O *arco-íris* é amado e odiado nas diferentes culturas. Observem:

Para as populações indígenas de quase todo continente americano, é uma víbora que *ataja. lalluvia y no dejallover*. O *arco-íris víbora* é a materialização mais espalhada no mundo. Na terra americana é sempre maléfico e odiado. Na Europa é figura de carinho e com respeitos sobrenaturais. Os gregos e romanos diziam-no sinal luminoso da passagem de Íris, voando do Olimpo à terra com mensagem de Juno. (CASCUDO, 1954, p. 60)

Ainda segundo Cascudo (1954, p. 61), “o sertanejo não gosta do *arco-íris* porque furta água. No litoral se distrai bebendo água nos rios, lagoas, fontes [...]. Ao princípio da sucção é fino, transparente, incolor. Depois fica largo, colorido, radioso. Farto, desaparece”.

Em torno do *arco-íris*, muitas crenças populares se desenvolveram como acreditar que quem passa por debaixo do *arco-íris* muda de sexo e o recobrará se o passar em sentido contrário ou mesmo que no final do *arco-íris* há um pote de ouro esperando por aqueles que consigam encontrá-lo.

Outra maneira de explicar o fenômeno vem dos cristãos, conforme registro da *Bíblia Sagrada* (1993), em *Gênesis* capítulo 9, versículos 11-17:

Estabeleço a minha aliança convosco: não será mais destruída toda carne por águas de dilúvio, nem mais haverá dilúvio para destruir a terra.

Disse Deus:

Este é o sinal da minha aliança que faço entre mim e vós e entre todos os seres vivos que estão convosco, para perpétuas gerações: porei nas nuvens o meu arco; será por sinal da aliança entre mim e a terra.

[...]

O arco estará nas nuvens; vê-lo-ei e me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos de toda carne que há sobre a terra.

Disse Deus a Noé: Este é o sinal da aliança estabelecida entre mim e toda carne sobre a terra.

É provável que o termo *arco-da-aliança* tenha se originado a partir do episódio bíblico. Vale ressaltar que a variante não foi encontrada em Sergipe.

O quadro abaixo mostra a distribuição diatópica para as designações do “arco colorido que aparece no céu nos dias em que o sol reflete a sua luz sobre a chuva”, em Sergipe:

Quadro 2- Distribuição diatópica das lexias para designar o *arco-íris*

Item lexical	LOCALIDADES														
	Santa Luzia (51)	Estância (53)	São Cristóvão (55)	Itaporanga D'Ajuda (56)	Tomar do Geru (52)	Pedrinhas (54)	Simão Dias (58)	N. Sra da Glória (63)	Gararu (64)	Laranjeiras (57)	Divina Pastora (59)	Ribeirópolis (60)	Brejo Grande (61)	Propriá (62)	Curralinho (65)
Arco-íris	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Arco						X									
Arco-celeste	X							X							X
Arco-inselente							X				X				
Arco-da-velha	X											X			
Arco-de-boi											X				X
Olho-de-boi															X

Na amostra do *Atlas Linguístico de Sergipe*, o termo *arco-íris* é o mais produtivo e está presente em treze dos quinze pontos de rede do Estado. Esta forma também é reconhecida pelos dicionários consultados como a variante padrão utilizada pelos falantes da língua portuguesa, servindo de referência para explicar as outras designações do fenômeno

A variante lexical *arco-celeste* foi encontrada em três pontos diferentes do Estado: em Curralinho (65), Gararu (64), ao norte e em Santa Luzia (51), ao sul;

O termo *arco-inselente* foi identificado em duas regiões em todo o Estado: Ribeirópolis (60) e Nossa Senhora da Glória (63), localizados ao Centro, com duas realizações fonéticas diferentes. É possível que o termo seja uma variante fonética de *arco-excelente* ou um neologismo que surgiu a partir da realização de *arco-celeste*.

O item lexical *olho-de-boi* foi encontrado somente em Curralinho (65), ao norte do Estado; a variante *arco-de-boi* foi recorrente em Ribeirópolis (60) e Curralinho (65), e são as variantes menos produtivas.

Para a variante *arco-da-velha*, foram identificadas duas realizações fonéticas diferentes para marcar o termo nas localidades de Brejo Grande (61) ao leste, e Santa Luzia (51), ao sul. No aspecto semântico, além de representar o espectro de cores, também é utilizado para fazer referência a um fato espantoso, um acontecimento prodigioso.

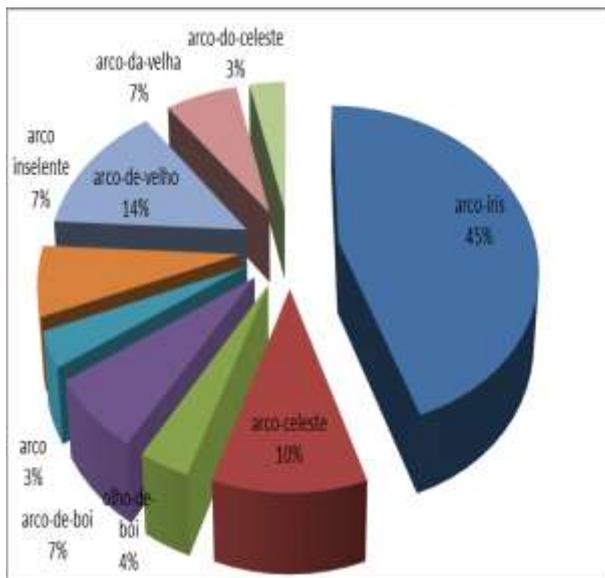
Para a forma *arco-do-celeste*, foi identificado apenas uma realização em todo estado, em Propriá (62). Há uma forte possibilidade de que o termo tenha surgido como variação de *arco-celeste*.

O termo *arco-de-velho* é o termo mais variável foneticamente: cinco formas diferentes de realizá-lo. Foi encontrado das localidades de Ribeirópolis (60), Estância (53), Tomar de Geru (52), Santa Luzia (51).

As localidades de Curralinho (65) e Ribeirópolis (60) são as que apresentam maior número de variantes. Em São Cristóvão, Itaporanga D'Ajuda, Simão Dias, Laranjeiras e Divina Pastora a única variante lexical utilizada pelos falantes é *arco-íris*.

Considerando as ocorrências dos variados termos para designar *arco-íris*, podemos, através do gráfico, perceber, em termos percentuais, as variantes mais utilizadas pelos falantes de Sergipe:

Gráfico 1- Uso das variantes de *arco-íris* em Sergipe



Ao observarmos o gráfico 1 de uso das variantes de *arco-íris* em Sergipe, fica facilmente identificado *arco-íris* como a forma mais produtiva, com 45% das realizações. Assim, a forma preferida dos falantes populares de Sergipe é, coincidentemente, a variante lexical padrão reconhecida nos dicionários. A segunda mais produtiva é *arco-de-velho*, com

14% das realizações, seguida por *arco-celeste*, com 10%. As menos produtivas são *arco-do-celeste*, *arco* e *olho-de-boi* com 3% cada uma.

## 5. Considerações finais

O estudo realizado permitiu identificar a partir do *Atlas Linguístico de Sergipe* quais são as variantes de *arco-íris* que fazem parte do repertório linguístico dos falantes das diferentes regiões do Estado. Foi possível identificar as seguintes denominações para o termo: *arco*, *arco-íris*, *arco-celeste*, *arco-do-celeste*, *arco-da-velha*, *arco-de-velho*, *arco-inselente*, *arco-de-boi*, *olho-de-boi*. Essa significativa quantidade de variantes pode estar relacionada com o fato de o *arco-íris* ser uma figura emblemática e estar envolto em lendas e mitos presentes no imaginário popular como algo que está ligado ao sobrenatural, fazendo parte da história linguístico-cultural do povo de Sergipe.

Um dado interessante observado está demonstrado no quadro 1 da distribuição diatópica dos termos que nomeiam o *arco-íris*. “Em mais de 1/3 dos municípios de Sergipe, esta é a única forma lexical utilizada pelos falantes das seguintes localidades: Simão Dias (58); Divina Pastora (59); Laranjeiras (57); Itaporanga d’ Ajuda (56); São Cristóvão (55); Pedrinhas (54). São localidades próximas umas das outras e ficam numa região ao centro sul do estado.

Diferentemente, os falantes das localidades de Currálinho (65) e Ribeirópolis (60) não utilizam a forma lexical *arco-íris*, valem-se de cinco termos diferentes para denominar o “arco luminoso”. São as duas regiões que apresentam mais produtividade de variantes do termo.

As variantes *arco* e *olho-de-boi* são as menos produtivas com apenas uma realização das localidades de Pedrinhas (54) e Currálinho (65), respectivamente.

*Arco-de-velho* é o item lexical que apresentou maior número de variantes fonéticas. Em *arco-da-velha* observou-se que a vitalidade do termo também está relacionada com novos sentidos assumidos pelo termo, já que é utilizado também como provérbio popular para expressar algo espantoso. Em relação à origem e sentido do termo, Cascudo (1954, p. 60) esclarece que “A ideia de *velha* reunida a *arco*, provém da corcova ou corcunda que é própria tanto do arco como da velha...”.

Em termos percentuais de usos das variantes de *arco-íris* demonstrado no gráfico 1, confirma-se o *arco-íris* como a forma mais produtiva, com 45% das realizações, sendo a forma preferida dos falantes populares de Sergipe é, coincidentemente, a variante lexical padrão reconhecida nos dicionários. A segunda mais produtiva é *arco-de-velho*, com 14% das realizações, seguida por *arco-celeste*, com 10%. As menos produtivas são *arco-do-celeste*, *arco* e *olho-de-boi* com 3% cada uma.

Desta forma, o estudo realizado é relevante, pois forneceu uma amostra da diversidade linguística no campo semântico-lexical no estado de Sergipe. Promove o reconhecimento das variantes populares produtivas entre os falantes e evidencia a importância dos atlas linguísticos na identificação de áreas dialetais do português popular do Brasil.

Pode também ser uma importante ferramenta para uso dos professores de língua materna no sentido de mostrar aos seus educandos as variadas formas de realização do termo, favorecendo o entendimento da variação linguística como um fenômeno inerente a todas as línguas e contribuindo para a eliminação do preconceito linguístico.

Não se pode esquecer, entretanto, que isso só foi possível graças ao fortalecimento da dialetologia como disciplina que tem se preocupado em identificar e descrever através da produção de atlas linguísticos os diferentes usos da língua nos diversos espaços.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A *BÍBLIA SAGRADA*. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CALDAS AULETE, F. J. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1974.

CARDOSO, Suzana Alice. Sergipe: um estado com dois atlas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres. (Orgs.). *Documentos 3: projeto atlas linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC/Instituto Nacional do Livro, 1954.

CASTILHO, Ataliba T. O português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

FERREIRA, C.; FREITAS, J.; MOTA, J.; ANDRADE, N.; CARDOSO, S.; ROLLEMBERG, V.; ROSSI, N. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Aracaju: Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEITE, Yonne; Callou, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MORAES SILVA, Antonio de. *Grande dicionário da língua portuguesa*, vol. 1. 10. ed. rev., corr., aum. e atual. Lisboa: Confluência, 1949.

Anexo 1

Atlas Linguístico de Sergipe, carta 3



